

Quantas Parábolas? Uma análise da perícopes de Lucas 15

*How Many Parables?
An Analysis of the Pericope of Luke 15*

*Jurandi Santos Machado¹
Cláudio da Mota Silveira²*

Resumo: A finalidade deste trabalho é analisar o capítulo 15 do evangelho de Lucas afim de elucidar quantas parábolas estão registradas nessa perícopes. Pensamos que para descobrir o conteúdo do texto é fundamental que seja aplicado a este o método combinando a análise literária com a

Artigo recebido em: 27 fev. 2018

Aprovado em: 24 mai. 2018

¹Bacharel em teologia/ Seminário Latino Americano de Teologia/SALT/Cachoeira-Ba. Terapeuta Familiar Sistêmico/ CEFAC/ Salvador-Ba. Formação em Psicanálise/ pela sociedade internacional de psicanálise/São Paulo-SP. Pós Graduação em Psicologia da Família/Faculdade Adventista da Bahia/Cachoeira-BA. Bacharelado em Psicologia/ Faculdade Adventista da Bahia/Cachoeira-BA. Mestrando em Missão Urbana/ Seminário Latino Americano de Teologia/SALT/Cachoeira-Ba. Mestrando em Ciência das Religiões Faculdade Unida/Vitória/ES. Email: jurandircolportor@hotmail.com

²Bacharelado em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia. Email: claudiodamotasilveira@gmail.com

análise histórico-sociológica e, dessa forma, aplicarmos elementos do conceito em estudo de alguns aspectos importantes desta parábola. Normalmente esse tão conhecido capítulo da Bíblia é quebrado em pedaços por pregadores e escritores, que tratam dele como possuidor de uma, duas ou três parábolas: a da Ovelha Perdida (1-7), a da Dracma Perdida (8-10) e a do Filho Perdido (11-32). Percorrendo o contexto cultural será analisado de forma mais detalhada os resquícios das provas a fim de mostrar em quantas partes se divide o capítulo 15 de Lucas, sendo averiguada também a análise textual com ênfase nos conectivos frasais. Na realidade, porém, o capítulo todo é somente uma parábola com três figuras. Não há interrupções nos versículos, de modo que uma ilustração flui para dentro da outra.

Palavras-chave: Parábola, Lucas, Estrutura Literária.

Abstract: The purpose of this paper is to examine Chapter 15 of Luke's Gospel in order to elucidate how many parables are recorded in this pericope. We think to discover the contents of the text it is essential to apply this method combining literary analysis with historical and sociological analysis and, therefore, applying elements of the concept study of some important aspects of this parable. Usually this so-known chapter of the Bible is broken into pieces by preachers and writers, who treat him as having one, two or three parables of the Lost Sheep (1-7), the Lost Coin (8-10) and the Lost Son (11-32). Covering the cultural context will be analyzed in more detail the remnants of the evidence in order to show how many parts is divided Chapter 15 of Luke, also being ascertained textual analysis with emphasis on phrasal connectives. In reality, however, the whole chapter is only a parable with three figures. There are no interruptions in verses so that an illustration flows into the other.

Keywords: Parables, Luke, Literary Structure.

Introdução

Este trabalho estudará o número de parábolas narradas no capítulo 15 de Lucas, que é conhecido por alguns como o evangelho dentro do evangelho. Nele, Jesus conta três histórias para responder à murmuração dos fariseus sobre Seu envolvimento com pecadores.

O estudo desta questão ajudará a melhor compreender o uso que Lucas faz das parábolas, bem como a entender o propósito teológico delas. Por isso, o presente artigo se concentrará na revisão bibliográfica acerca do conteúdo.

A fim de se alcançar o objetivo proposto que é descobrir quantas parábolas estão presentes em Lucas 15, faz-se necessário primeiro procurar entender o significado do termo 'parábola' e como esse conceito é aplicado em Lucas 15. A seguir, será feita uma exposição da posição de alguns teólogos sobre a questão em estudo.

Logo após, será realizada uma breve incursão por cada história desse capítulo em seu contexto literário e cultural e, finalmente, apresenta-se uma análise textual de cada narrativa feita por Jesus.

Em nível de considerações finais, será possível verificar o fato de que, provavelmente, Jesus contou uma parábola com aspectos diferentes (ovelha e dracma) e outra parábola com o objetivo de devolver a crítica dos fariseus.

2. Definição de parábola e seu uso em Lucas 15

Um longo debate cerca a questão do que é uma parábola. Um estudioso admitirá haver mais de setenta parábolas nos evangelhos sinóticos, enquanto outro as limitará ao número de trinta. Classificações como de parábola, exemplo, símile, etc., são distinções conhecidas e que têm sido usadas pelos intérpretes para classificar os tipos de parábolas. Ao mesmo tempo, Jeremias observou:

Esta palavra (parábola) pode significar, na linguagem comum do Judaísmo pós-bíblico, sem que se recorra a uma classificação formal, formas figurativas de linguagem de todos os tipos: parábola, símile, alegoria, fábula, provérbios, símbolos, pessoas fictícias, exemplo, tema, anedota³

Segundo o dicionário da Academia⁴, a melhor definição de parábola é: narração alegórica que envolve algum preceito de moral, alguma verdade importante define o termo como parábola “narrativa, imaginada ou verdadeira, que se apresenta com o fim de ensinar uma verdade”⁵. Contudo, outros teólogos pensam diferentemente. Por exemplo, “a verdadeira parábola não é uma ilustração pra ajudar a esclarecer uma discussão teológica; pelo contrário, é uma forma de experiência religiosa”⁶.

Portanto, é possível compreender ‘parábola’ enquanto história contada de muitas maneiras, mas que, como alegoria, pretende ilustrar uma verdade, geralmente com sentido ético e moral. Não

³JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo, Paulus, 1986, p. 20

⁴ DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. 2. ed: São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008, p. 948.

⁵ BUCKLAND, M. A. *Dicionário bíblico universal*. Editora vida, 1981, p. 324

⁶MANSO, T.W. *The Servant Messiah*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966, p. 73

obstante, ao se estudar as parábolas presentes no evangelho de Lucas, mais especificamente no capítulo 15, essa dificuldade de se definir parábola torna-se ainda mais complexa.

Klyne Snodgrass em seu livro: compreendendo todas as parábolas de Jesus aponta de maneira enfática a forma em que está organizado o capítulo 15 do livro de Lucas. Para ele:

As parábolas da Ovelha Perdida, da Drcama Perdida e a do Filho Pródigo em Lucas 15 abordam o tema da perda e da recuperação. Elas refletem o uso que Jesus fazia de um tema específico para falar do reino da compaixão de Deus. Elas deveriam ser vistas, primeiramente, em relação às parábolas sobre graça e responsabilidade em função do que revelam acerca de Deus⁷

Assim, pode-se perceber que as três histórias falam de um mesmo assunto com o mesmo objetivo e temática.

O teórico Lockyer *apud* Boreham observa que “a matemática é fria, pois não traz arrependimento nem pode explicar tudo. A ovelha perdida representava 1% de perda – uma em cem; a moeda de prata perdida significava uma perda de 10% - uma em dez; o filho perdido era uma perda de 50% - um de dois”⁸. Não obstante esse fato matemático, o pastor procurou por sua ovelha perdida como se esta fosse a única ovelha que possuísse, deixando para trás as noventa e nove como se não se importasse com elas.

De igual modo, a mulher sentiu a perda da sua moeda e, como se não tivesse mais nenhuma (não resolveria confortá-la dizendo que ainda possuía outras nove moedas a salvo) se pôs a buscá-la, uma vez que era muito pobre e precisaria encontrar a moeda perdida. Por sua vez, o pai estava com o coração partido pela perda do seu filho mais novo, logo, não seria suficiente dizer-lhe que ainda possuía outro filho, que não desejava, absolutamente, abandonar o lar. O coração paterno saiu a encontrar-se com o que estava perdido, apesar deste ter agido impiamente para com seu pai.

Diante de várias especulações sobre o capítulo 15 de Lucas são levantadas várias hipóteses com o objetivo de explicar os detalhes em torno dos aspectos culturais desses textos. O presente artigo tentará

⁷ SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*. CPAD, 2014, p. 149

⁸ LOCKYER Herbert. *Todas as parábolas da bíblia*. Vida, 1999, p. 361-362. E-books evangélico. Disponível em: www.ebooksgospel.com.br/blog/> Acesso em: 14 mar 2018

promover uma gama de informações acerca dos detalhes que circundam as entrelinhas do capítulo.

3, opiniões de teólogos sobre a quantidade de parábolas

Uma grande discussão tem se levantado acerca da narrativa inserida no capítulo 15 de Lucas. Alguns teólogos afirmam se tratar de uma única parábola, enquanto outros de duas, e outros mais que afirmam que não se tratam de uma ou duas, mas de três histórias separadas. Abaixo estão apresentadas várias posições a respeito da discussão em questão.

3.1 Uma parábola

Normalmente esse tão conhecido capítulo da Bíblia é quebrado por escritores e pregadores, que tratam dele como sendo possuidor de três parábolas preciosas e distintas: a da Ovelha Perdida (1-7), a da Dracma Perdida (8-10) e a do Filho Perdido (11-32). No entanto, para o teólogo Lockyer Herbert⁹, as histórias se tratam de uma única parábola com três figuras. Assim tece seus argumentos justificando seu pensamento:

1. Não há interrupção nos versículos: a proposição da parábola se dá apenas no verso 3. A partir daí, Cristo fala ininterruptamente, sem aparente pausa em seu discurso.

2. Uma ilustração flui para dentro da outra: todas as histórias seguem o mesmo padrão de perdido, achado e júbilo. Além disso, cada ilustração continua e restabelece o que foi dito na outra.

3. A forma singular de Jesus trazer-lhes a parábola, “esta parábola” (Lc 15:3): a palavra está no singular, o que indica apenas uma.

Para ele as histórias seguem uma linha de continuação dos versículos por todo o capítulo 15 de Lucas, e não podem ser separadas por ninguém que tente quebrar a linha de raciocínio que Jesus estava seguindo. De acordo com o teólogo supracitado, é digno de notar que uma ilustração flui para dentro da outra com algo perdido, achado (sejam coisas animadas ou inanimadas) e sempre

⁹LOCKYER Herbert. Todas as parábolas da bíblia. Vida, 1999, p. 360. E-books evangélico. Disponível em: www.ebooksgospel.com.br/blog/ Acesso em: 14 mar 2018

trazendo a alegria e festa após serem encontradas. De igual forma é também notório o fato de Jesus propor ‘esta parábola’, no singular na narrativa de Lucas 15, o que infere a ideia de que se trata de uma única parábola com três imagens.

Em seus grandes sermões evangelísticos sobre a narrativa de Lucas 15, Charles H. Spurgeon¹⁰ expressa um pensamento a semelhança quanto à unidade desse capítulo, que é tão cheio de graça e verdade. Ele diz que as três histórias registradas neste capítulo não são repetições, mas que declaram a mesma verdade central, embora cada uma delas revele um estágio diferente. Compara com uma pirâmide do evangelho que possui três lados onde há uma inscrição diferente em cada lado, mas que culminam no mesmo significado, sendo ampliado cada vez mais à medida que os lados da pirâmide são girados.

Com isso Spurgeon afirma que cada parábola é indispensável à outra e, quando combinadas, presenteia o leitor com a exposição mais completa em prol do seu significado (de forma ampliada), que não aconteceria caso estivessem separadas.

Assim, as duas primeiras parábolas interrogativas da *Ovelha Perdida* e da *Dracma Perdida* funcionam quase como um prelúdio para a parábola do *Filho Pródigo*, que é mais longa, complexa e cheia de detalhes¹¹. Logo, estas três histórias consistiriam em apenas uma, com ênfase maior na terceira. Portanto, a passagem das “Cem Ovelhas” para “Dez Moedas” e depois para “Os Dois Filhos”, indica claramente, de ordem sequencial e lógica, que há um ponto culminante para compreensão deste capítulo.

Percebe-se, portanto, que alguns teóricos afirmam que o capítulo 15 de Lucas trata de apenas uma parábola, embora se dividam sobre como funciona a mesma. Alguns acreditam ser uma a continuação da outra, enquanto há aqueles que pensam se tratarem de três ilustrações diferentes para ensinar uma mesma verdade e, juntas, formarem uma parábola.

3.2 Duas parábolas

¹⁰SPURGEON, C. H. (1834-1892) era pregador, autor e editor britânico. Foi pastor do Tabernáculo Batista Metropolitano, em Londres, desde 1861 até a data de sua morte. Fundou um seminário, um orfanato e editou uma revista mensal chamada “Sword and Trowel”. Conhecido como “Príncipe dos Pregadores”, Spurgeon escreveu muitos livros e artigos, particularmente na área devocional.

¹¹SNODGRASS, Klyne. Compreendendo todas as parábolas de Jesus. CPAD, 2014, p. 150

Muitos escritores têm separado tais parábolas em dois blocos sendo que as histórias da ‘Ovelha perdida e Dracma perdida’, dada à semelhança, são consideradas como ‘Parábolas Gêmeas’. Desde este viés, somente a terceira história, a do ‘Filho pródigo’ formaria a segunda parábola. Assim, o evangelho de Lucas estaria seguido por uma famosa coleção de parábolas sobre a alegria da recuperação da ovelha perdida (15.4-7), da moeda perdida (15.8-10) e do filho pródigo (15.11-32)¹². Ambas as parábolas começam com a mesma questão: “Qual homem dentre vós” e “qual é a mulher”. As semelhanças entre as duas parábolas são evidentes, não somente na sua estrutura comum e tema, mas também na ligação entre elas.

Uma olhada atenciosa no capítulo 15 revela uma parábola dupla nos versículos 4-11, em que cada metade tem uma estrutura semelhante em forma, porém distinta em essência. Ambas as parábolas começam com a mesma questão, “Qual homem dentre vós” (v.4) e “qual é a mulher” (v.8). As semelhanças entre as duas parábolas são evidentes, não somente na sua estrutura comum e tema, mas também na ligação entre as mesmas. Vale ressaltar que o verso 8 introduz a segunda parábola com o termo “ou”, que transmite a sinonímia dessas duas parábolas¹³.

A tradução João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida traz a mesma ideia de separar ovelha e dracma perdidas do filho pródigo, trazendo a mesma prerrogativa de tratar-se as primeiras de parábolas gêmeas, enquanto a do filho como possuindo estrutura diferente.

3.3 Três parábolas

Existe ainda o pensamento teológico de que o capítulo 15 de Lucas possui três parábolas diferentes em enredo e estrutura, mas com significado único. Morriss dota o pensamento de que as três parábolas estão ligadas diretamente aos perdidos, portanto, ressaltam o júbilo de Deus quando o pecador é achado¹⁴. Corroborando com o pensamento de três parábolas, Beale e Carson afirmam que:

¹²RICHARD, Pablo. Evangelho de Lucas-Estrutura e chaves para a interpretação global do Evangelho, in: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (Ribla)*, n. 44, 2003, p. 7-36

¹³THE NEW INTERPRETER'S BIBLE, v. IX-A Commentary in Twelve Volumes – Luke and John. Nashville, Abingdon Press, 1994, p. 294. In: SALGADO, Samuel de Freitas A inclusão da ovelha perdida - Exegese de Lucas 15. 4-7 SSN: 1980-9824 | Volume IV - Ano 2 | Novembro de 2

¹⁴MORRIS, Leon L. O evangelho de Lucas: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 225

[...] o grupo de três parábolas no capítulo 15 – ovelha perdida (15. 4-7), a dracma perdida (15.8-10) e o filho pródigo (15.11-32), tem sido explicado como uma alusão a Jeremias 31.10-20, texto em que Yaweh é um pastor que reúne seu rebanho (21.10-14), Raquel chora por seus filhos (31.15-17) e Efraim é o filho de José que se arrepende e recebe a misericórdia de Deus¹⁵.

Desse modo, percebe-se que na visão de Beale e Carson cada história do capítulo 15 de Lucas está construída sobre uma base veterotestamentária diferente e, assim, constituem narrativas distintas, logo, parábolas distintas.

4 Análise contextual e cultural das narrativas em Lucas 15

Para se entender qual é o número de parábolas narradas em Lucas 15 é preciso analisar as histórias inseridas e o primeiro passo é uma noção do contexto cultural em que foram apresentadas¹⁶. Estudo cultural trata-se de um campo de investigação de caráter interdisciplinar que explora as formas de produção ou criação de significados inseridos nas sociedades atuais ou do passado.

Nesta perspectiva, a criação de significado, bem como dos discursos reguladores das práticas relevantes da sociedade revelam o papel apresentado pelo poder na regulação das atividades cotidianas das formações sociais. Sendo assim, os estudos culturais não se configuram exatamente como uma disciplina distinta, mas sim enquanto abordagem ampla dos atos dos participantes dentro da sociedade em que é inserido, visando a levar o leitor à compreensão do por que, e em tais situações produzindo a capacidade de considerar atos e atitudes vividas pelos personagens.

4.1 Ovelha perdida

A comunhão à mesa em qualquer parte do mundo é um assunto relativamente sério. Isto é verdade especialmente no Oriente médio. Em sua declaração mais recente Jeremias diz:

¹⁵BEALE, G. K.; CARSON, D. A. *Comentário do uso do antigo testamento no novo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 426

¹⁶BAILEY, Keneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo, Vida Nova, 1985.

Para entender o que Jesus estava fazendo ao comer com “pecadores,” é importante perceber que no oriente médio, até hoje, convidar um homem para uma refeição é uma honra. É uma oferta de paz, confiança, fraternidade e perdão; em suma, compartilhar de uma de uma mesa significa compartilhar da vida¹⁷.

Atualmente no oriente (como no passado) um nobre pode alimentar qualquer número de pessoas necessitadas, de nível inferior, como sinal de generosidade, mas não come com elas. A refeição é um sinal especial de aceitação. Jesus é apresentado no texto desempenhando relacionamentos sociais como esse com publicanos e pecadores. Não é de se admirar que os fariseus ficassem desconcertados como proposto por Bailey¹⁸.

Portanto, este ambiente da refeição em uma casa com “pecadores” é considerado como ambiente autêntico para as parábolas que se seguem. O assunto em questão é o fato de Jesus ter recebido pecadores para comunhão à mesa, como hospedeiro. Não obstante, a mesa era composta de uma comunidade mista, na qual estavam inseridos em um mesmo espaço gentios e judeus, ricos e pobres, homens e mulheres.

Essa questão provocou tensões internas e externas que sacudiam o seio da comunidade. Os conflitos produzidos em Antioquia eram o reflexo da elaboração de fronteiras entre grupos, principalmente entre o cristianismo judaico e o greco-romano, onde não eram respeitados os diferentes costumes de uma sociedade.

Os vv.1-2 são de vital importância para a compreensão da parábola de Lucas 15.4-7, porquanto todo o capítulo, inclusive a perícopes citada, está pendurado na seguinte informação inicial: “todos os publicanos e pecadores se aproximavam para ouvir Jesus. Os fariseus e os escribas, porém murmuravam: esse homem recebe pecadores e come com eles!” (Lucas 15.1-2). Estes versículos descrevem o antagonismo vivido na comunidade em que se baseou a narrativa de Lucas: de um lado “fariseus” e de outro “publicanos e pecadores”.

Portanto, a questão principal desta tensão parece gravitar em torno da aceitação na comunidade de um grupo de pessoas oriundas do mundo gentílico que não cumpriam as exigências das leis de

¹⁷JEREMIAS, Joachin. *New Testament Theology*. New York: scribner, 1971, p. 115.

¹⁸BAILEY, Keneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo, Vida Nova, 1985, p. 194.

pureza judaicas. Estas leis tinham grande importância, uma vez que eram símbolos da identidade de grupo dos judeus¹⁹.

Em contraste à postura judaica exclusivista, o autor de Lucas apresenta parábolas proferidas por Jesus que denunciam tal arbitrariedade e propõem uma inversão da posição dos judeus em relação aos gentios. O capítulo 15 apresenta um duplo escândalo para os judeus religiosos. Por um lado, encarna a figura de Deus em personagens desprezados pelos judeus do primeiro século (pastor, mulher e um pai desonrado) e, por outro lado, afirma que Deus tem mais prazer em celebrar com um pecador arrependido do que com um judeu religioso.

O cumprimento cego das exigências da lei pelos judeus não alegraria a Deus. A celebração da vinda do reino tomou lugar na participação da mesa de Jesus com os rejeitados, por isso, o zelo excessivo no cumprimento da lei judaica tornara-se uma barreira entre gentios rejeitados e os judeus, contribuindo para ausência deste último grupo à mesa²⁰.

A parábola versa acerca de um homem que deixa as noventa e nove ovelhas para sair à procura de uma perdida. O v.4 já se inicia dando um choque na sensibilidade judaica. Em contraste com a imagem positiva do pastor nos escritos do AT e do NT, no primeiro século, o pastor havia adquirido uma má reputação. Estava entre as profissões desprezadas pelos fariseus, juntamente com os condutores de camelos, curtidores e cobradores de impostos²¹.

A baixa consideração que os fariseus tinham pelos pastores é o pano de fundo utilizado por Jesus para responder às críticas em forma de parábolas acerca de sua aceitação dos cobradores de impostos e “pecadores”. A parábola coloca Deus no papel de um pastor. Assim, este começo pode ser entendido como um ataque indireto, não obstante muito poderoso contra as atitudes farisaicas para com as profissões consideradas proscritas.

O verbo “*Rexon*”, “possuindo” pode significar “tomar conta ou se encarregar”. Assim sendo, a expressão “possuindo cem ovelhas” pode significar “ser responsável por cem ovelhas”, não precisando significar necessariamente possuir cem ovelhas. O pastor sentia-se responsável diante de todo o clã familiar; qualquer perda era uma

¹⁹MOXNES, Halvor. *A economia do reino: conflito social e relações econômicas no evangelho de Lucas*. São Paulo, Paulus, 1995, p. 103

²⁰THE NEW *Interpreter's Bible*, v. IX-A *Commentary in Twelve Volumes* – Luke and John. Nashville, Abingdon Press, 1994, p. 296.

²¹JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: Pesquisas de História Econômico-Social no Período Neotestamentário*. São Paulo, Paulinas, 1983, p. 404-406.

perda para todos. Toda a família perdia se uma ovelha se perdesse e todo o clã se regozijava se a perdida fosse achada²².

Mateus diz que a ovelha se extravia (*'planete'*), porém Lucas conduz a história na linha das outras duas parábolas do capítulo 15, relatando que a ovelha se “perdeu” (*'Atololos'*) conforme os versos 8-9,24,32. Após contar o rebanho, estando ainda no deserto, o pastor percebeu que lhe faltava uma ovelha e, assim sendo, deixou o rebanho com outros pastores e partiu ao encontro daquela que havia se perdido²³.

Ao encontrá-la no verso 5 o pastor a “põe aos ombros”. Uma ovelha desgarrada do rebanho costumava ficar deitada e sem forças, por isso, cabe ao pastor carregá-la. A “restauração” é o clímax da parábola e esta ideia é cercada por uma dupla referência à “alegria”.

A ovelha desgarrada é trazida ao convívio das outras ovelhas. Assim, Jesus defende o fato de receber os pecadores. Esta recepção acarreta restauração à comunidade. No verso 6, como consequência da restauração, o pastor reúne seus amigos e vizinhos numa celebração comunal, um tema que conecta cada uma das ilustrações deste capítulo²⁴.

Sendo assim, a ação de Jesus ao aceitar pecadores e comer com eles reflete o espírito gracioso de Deus para aqueles que eram desprezados pelos fariseus e escribas.

4.2 Dracma perdida

Após utilizar a ilustração de um homem que havia perdido uma de suas ovelhas, Jesus se dirige a uma mulher à procura de algo que era seu e está perdido. Pode fazer sentido o fato que Jesus estava se dirigindo a outra classe de espectador, neste caso às mulheres que ouviam atentamente e que não se interessariam por procurar ovelhas que estavam perdidas. Trata-se da preocupação de Jesus em levar salvação a todos, mostrada nesta segunda parte da parábola.

Segundo Snodgrass, “esta breve parábola normalmente é negligenciada em função da similaridade com a parábola da ovelha perdida, que é mais extensa e detalhada”²⁵. Isso é compreensível, e a

²² BAILEY, Keneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo, Vida Nova, 1985, p. 198-199.

²³ JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo, Paulus, 1986, p. 136.

²⁴ FORBES, Greg. Repentance and Conflict in the Parable of the Lost Son (Luke 15.11-32), in: *Journal of the Evangelical Theological Society*, n. 42, 1999, p. 21

²⁵ SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*. CPAD, 2014, p. 149

maior parte das coisas que ambas têm em comum não precisa se repetir aqui. Por outro lado, apesar de se tratarem de parábolas gêmeas, elas não são idênticas, e a parábola da dracma perdida apresenta a sua própria mensagem.

Não obstante, o comentário Adventista traz uma declaração plausível ao presente tema:

A parábola anterior parecia direcionada aos homens que por ali estavam reunidos. É possível que esta direcionasse, de maneira especial, às mulheres ouvintes com frequência Jesus usava ilustração que chamava a atenção das mulheres em particular (Mt 13:33; Lc 17:35). Dracma do grego *drachmai*. No tempo de Jesus, a *drachmetinha* 3,56 g de prata. Era, portanto, equivalente em valor ao denário romano, que correspondia ao salário típico de uma diária de um trabalhador do campo²⁶.

Joel B. Green observa que a “mulher descrita é uma camponesa pobre e as dez moedas de prata, correspondentes a dez dias de salário, provavelmente representam a poupança da família”²⁷. As moedas também podem ter sido odote²⁸ da mulher, vestidas como um ornamento. Ambas as teorias podem ser verdade, pois explicam a urgência da busca da mulher e a extensão da sua alegria quando a moeda que falta é encontrada.

Embora as mulheres não tivessem grande valor para sociedade, Jesus se dirige a elas como muito importantes, afinal ele sabia que era relevante prender a atenção do público feminino que ali estava, e que as mulheres entenderiam muito bem quando contasse

²⁶ Comentário Adventista do Sétimo Dia, 2013 p. 900-901

²⁷ GREEN, Joel B. *The Gospel of Luke*, Eerdmans, 1997, ISBN 0802823157, p. 576.

²⁸ O dote é um costume antigo, mas ainda em vigor em algumas regiões do mundo, que consiste no estabelecimento de uma quantia de bens e dinheiro oferecida a um noivo pela família da noiva para acertar o casamento entre os dois. Embora bem mais raro, também há culturas onde o noivo entrega à família da noiva ou à própria noiva um dote; o exemplo mais conhecido deste costume é entre alguns povos muçulmanos. Uma mulher que não possuía dote era preterida pelos noivos na escolha para se casar. Apesar de ser mais comum entre as camadas mais ricas da sociedade, o dote também era um costume dos pobres, o que muitas vezes colocava a família da noiva em grandes dificuldades financeiras. Mesmo sendo considerada uma atitude ultrapassada, é praticado em vários locais mais tradicionais e rústicos. O dote está intimamente ligado ao casamento por contrato.

esta segunda parte da parábola, levando aquele público a entender o valor real das moedas perdidas à luz do seu contexto.

Rihbany²⁹ faz a útil observação de que “a escassez de dinheiro na mão do povo faz com que a perda de uma moeda... seja um acontecimento triste”. Para Rihbanya aldeia camponesa é, em grande parte, autossuficiente, fazendo a sua própria roupa e produzindo seu próprio alimento. Dinheiro é um artigo raro. Daí, a moeda perdida adquire muito mais valor na casa de um camponês do que um dia de trabalho que ela representava monetariamente.

Frequentemente se observa que a moeda pode fazer parte das joias ou do dote da mulher. Todavia, precisa ser feita uma distinção entre o Beduíno e o Aldeão. As mulheres beduínas usam seus dotes em forma de moeda, dependurada nos seus véus; as mulheres Aldeãs não tem o mesmo costume.

Segundo Sa'id, Ibrahim³⁰ mais provavelmente a moeda fazia parte de um colar. De fato, as aldeãs usam moedas em colares. Obviamente a beleza do colar como um todo é destruída quando se perde uma moeda. Mais uma vez, a perda representa mais do que o valor de uma única moeda. A liberdade de movimento das mulheres nas aldeias era extremamente limitada, assim que o mais lógico era a moeda estar na casa. Ela não havia estado fora. A sua diligência foi motivada pela certeza de que ela poderia ser achada, se ela continuasse varrendo.

No mundo cultural da Palestina do século I, o próprio uso de uma mulher em uma ilustração requeria ousadia moral. Jesus mais uma vez está rejeitando as atitudes farisaicas para com grupos minoritários na sociedade. Primeiro foi em relação aos pastores proscritos, e agora em relação à mulher, considerada inferior³¹.

Essa foi a linguagem especial de Cristo para com as mulheres. Jesus usa isto como ilustração, mesmo sendo quase impossível alguém citar algo como a figura de uma mulher, o que denota que

²⁹Abraham Dimitri Rihbany foi um teólogo norte-americano, filólogo e historiador da ascendência greco-ortodoxalibanesa. Suas ideias sobre a importância da cultura do Mediterrâneo Oriental para uma compreensão dos Evangelhos foram desenvolvidas em uma série de artigos para *The Atlantic Monthly* e, em 1916, publicadas em forma de livro como *O Cristo Sírio*.

³⁰SA'ID, Ibrahim. Sharh Bisharat Luqa (comentário ao evangelho de Lucas) Beirut: Near East Council of Churches, 1970, p. 211.

³¹SNODGRASS, Klyne. Compreendendo todas as parábolas de Jesus. CPAD, 2014, p. 149

Jesus está quebrando esses paradigmas, deixando os fariseus e escribas boquiabertos, pois conforme Snodgrass Klyne,

Dois aspectos das figuras da Ovelha Perdida são intensificados na parte da Moeda Perdida. Primeiro, o valor relativo da coisa perdida é intensificado. Agora é uma entre dez, e não uma entre cem; e, como já notamos, pode ser que a moeda tivesse valor além da sua expressão monetária. Segundo, o lugar onde se procurou a coisa perdida é mais limitado. Agora é dentro dos limites de uma casa, e não no deserto aberto. Assim, a certeza de que a coisa perdida pode ser achada intensifica-se, se a pessoa que procura estiver disposta a dispender esforços suficientes³².

Neste caso os fariseus e os escribas ainda não tinham caído em si, embora Jesus estivesse intensificando cada vez mais a mensagem. Nota-se isto na segunda parte da parábola, onde mais detalhes precisavam ser ditos a fim de não restar nem uma sombra de dúvida e antes que se deem conta Jesus arremata com a terceira parábola.

4.3 O filho pródigo

Esta é a última das três parábolas sobre perda e redenção, na sequência da Parábola da Ovelha Perdida e da Moeda Perdida que Jesus conta após os fariseus e líderes religiosos o terem acusado de receber e compartilhar as suas refeições com ‘pecadores’. A alegria do pai descrita na parábola reflete o amor divino, a “misericórdia infinita” e a “recusa de Deus em limitar a sua graça”³³.

O ensinamento das três parábolas juntas, uma lição tríplice do aspecto da grande e perfeita salvação é abordado por Jesus na tentativa de arrematar Suas ideias de forma bem pedagógica, sendo esta a terceira lição que Cristo aplicou aos professos escribas e fariseus, doutores da lei.

Quase todas as pessoas que se aprofundam seriamente no estudo desta perícopes acabam com uma sensação de solenidade e respeito para com o seu conteúdo inexaurível. C. F. W. Smith escreve:

³²Id. *Ibid*,

³³LONGENECKER, Richard N. *The Challenge of Jesus'Parables*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000, p. 201

Embora Jesus não fosse filósofo ou teólogo (no sentido formal), as suas parábolas, por si só, propiciam material que nem filósofo nem o teólogo consegue exaurir. Esta é a característica do supremo gênio de Jesus, temos uma curiosa tendência, ao lidar com a humanidade de Jesus, de deixar despercebida a sua estatura intelectual completa³⁴.

Segundo Bailey Kenneth³⁵ a primeira estrofe prepara o palco para tudo o que se segue. Mostra-se que o pródigo, ao pedir a sua parte, está desejando a morte do pai. Por sua vez, o pai demonstra amor quase incrível, concedendo-lhe o que pede. O silêncio do filho mais velho indica uma rejeição da sua responsabilidade de reconciliar seu irmão com seu pai.

Depois de apresentar um pai com dois filhos, a parábola começa com o pedido do mais novo: “pai, dá-me a parte da propriedade que me cabe.” Conforme mencionado acima, o pedido do pródigo para que tivesse direito ao seu quinhão significava tratar o pai como se estivesse morto. À luz das implicações do pedido, é ainda mais notável que o pai concorde. No ambiente do Oriente Médio esperar-se-ia que o pai explodisse e disciplinasse o rapaz por causa das cruéis implicações do seu pedido. É difícil imaginar uma ilustração mais dramática da qualidade desse amor, que dá liberdade até para rejeitar a pessoa que ama. Esta cena inicial possibilita vislumbres do amor do pai, que se revela na cena final a fim de deixar os ouvintes perplexos, levando-se em consideração seus costumes.

Não obstante, Bailey Kenneth relata que perguntou aos moradores do Oriente Médio o que aconteceria se o filho pedisse a herança enquanto o pai ainda estivesse vivo e se isso já tinha acontecido alguma vez³⁶. A resposta sempre foi negativa e falavam que, provavelmente, em tais circunstâncias o pai mataria o filho. Levison concorda com isso ao afirmar que “não existe lei ou costume entre os judeus ou árabes que dê ao filho o direito a uma parte da riqueza do pai, enquanto este ainda está vivo”³⁷.

³⁴SMITH, Charles W. F. *The Jesus of The Parables*. Philadelphia: Westminster, 1948, p. 212

³⁵BAILEY, Kenneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 211-212

³⁶BAILEY, Kenneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 211-212

³⁷LEVISSON, N. *The parable: the background and local setting*. Edinburgh. Clark, 1926, p. 156.

Com relação à fome pela qual passou o filho mais novo após seu dinheiro ter acabado, Jeremias (1971) pesquisou uma série de dez ocasiões de fome em Jerusalém e ao redor dela, de 169 a.C a 70 d.C. (excluindo aquelas resultantes das guerras). A fome tinha uma imagem poderosa para um auditório do século I na Palestina. Além disso, um judeu solitário em um país estranho e distante, sem dinheiro e sem amigos, seria especialmente vulnerável durante uma fome de grande porte. O texto parece notar esse fato, adicionando um pronome enfático. O versículo 14 diz: “Ele começou a passar necessidades”. Ele mais do que os outros começou a passar necessidades.

Não obstante, ao cair em si, lembra-se de sua vida ao lado do pai, um lugar seguro onde possuía muitas regalias, desfrutava do amor paterno, mas agora, o empregado de seu pai (mesmo o assalariado) que não fazia parte da fazenda estava em melhores condições que ele.

Segundo Oesterley³⁸ havia três níveis de servos em uma propriedade judaica do primeiro século:

1. Servos (*Doúlos*), que como escravo fazia parte da propriedade, e de fato quase da família.
2. Escravo de classe inferior (*Paides*), que eram subordinados aos servos.
3. Servos assalariados (*mistioi*).

A despeito dessa última classe concernente ao pedido do filho mais novo, Oesterley escreve que:

O “Servo assalariado” era um estranho; ele não pertencia à propriedade, não tinha interesses pessoais nos negócios do seu senhor temporário; ele era meramente um trabalhador ocasional, que era empregado quando necessário [...] a sua posição era, portanto, precária..., embora, diferentemente dos outros, ele fosse um homem livre³⁹.

Se o pródigo se tornasse um servo assalariado, poderia ser capaz de pagar o que perdera. Era exatamente esta a prescrição da lei mosaica em casos de dívida. O que o filho estava afirmando, de fato, é

³⁸OESTERLEY, William O. E. *Rabbinic literature and gospel teaching*, London: Macmillan, 1930, p. 186

³⁹OESTERLEY, loc cit.

que estava em dívida para com o pai e desejava quitar isso. Por isto Derrett escreve:

Trabalhando como um servo assalariado (dormindo fora da propriedade) ele pode tomar providências para que, futuramente, com o seu salário, se não de outra maneira, possa dar a seu pai aquilo que, enquanto o pai viver, é tão somente o seu dever⁴⁰

Após expor toda essa narrativa do capítulo 15 Jesus aponta a questão do amor do pai e da festa por encontrar os que estavam perdidos e foram achados, mostrando a importância do arrependimento, bem como a disponibilidade de amor divino.

Contudo, nesta narrativa, o filho mais velho estava tão perdido quanto o pródigo e, estando nos campos fora da casa, quando ouviu o barulho da festa, a fim de não negar seu caráter, a princípio manifesta suspeita. Um filho que tenha um relacionamento normal com sua família entrará imediatamente, ansioso para participar da alegria, seja qual for sua fonte. Mas ao ouvir o ritmo da música percebe imediatamente que se trata de uma ocasião festiva, pois os ritmos da aldeia são específicos e conhecidos. Assim, não corre como era de se esperar, mas sim, fica ressabiado, e sem motivos se recusa a entrar na festa.

Embora o pai tente conciliá-los, ele não quer receber seu irmão pródigo. Deste modo termina a cena da parábola tríplice: um pai que tenta reconciliar seus dois filhos pródigos, e um filho que fica murmurando e se recusa a participar da festa. Neste momento, volta-se à cena do início da parábola, em que os fariseus e escribas começam a entender o recado de Jesus.

Segundo Bailey⁴¹ os fariseus que estão ouvindo a narração da parábola são levados ao se verem na figura do filho mais velho, e fazer o julgamento: “Eu sou esse homem”. Logo, nenhuma das histórias do capítulo 15 de Lucas pode ser tratada isoladamente, e cada uma delas merece atenção isoladamente, contudo é importante saber que tratar de uma é tocar em todas.

Assim, pode-se perceber que todas as três histórias servem para responder à murmuração dos fariseus, mas a última, além de

⁴⁰DERRETT, J. D. M. Law in the New Testament: *The Parable of the Prodigal Son*. London: Wipf & Stock Pub, 2005, p. 351

⁴¹BAILEY, Keneth E. As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural. São Paulo, Vida Nova, 1985, p. 250.

explicar porque Jesus come com pecadores, também faz uma crítica direta aos questionadores através da imagem do filho mais velho.

5. Análise textual

No verso 3 de Lucas 15 se introduz a fala de Jesus a partir da frase “então Jesus lhe propôs *esta parábola*”. O estar no singular leva o leitor a entender que esta se trata de apenas uma parábola com contextos diferentes, e não de duas ou três parábolas separadas. Vale observar também que o capítulo 15 apresenta conexão com o capítulo 14 no que diz respeito à postura farisaica diante das ações de Jesus (14.13,23 e 15.1,2), na preocupação de Jesus com os marginalizados e na repetição do verbo “*ouvir*” na sua forma infinitiva ou flexionada (14.35 e 15.1), o que é especialmente importante. Deste modo, a parábola do capítulo 15 desafia a todos os que têm ouvidos para ouvir e a se unirem no júbilo.

A fim de se achar os conectivos frasais, essa sessão busca (de forma breve) analisar o texto de Lucas 15 no âmbito linguístico. Sendo assim, a perícopes dos vv.4-7 é por Bailey organizada de acordo com a estrutura linguística supracitada. Ademais existe uma relação linguística entre as linhas, como se observa a seguir⁴²:

- 1 que homem dentre vós (dirigindo-se diretamente ao auditório)
 2 um
 3 noventa e nove
 A perdida
 B encontra
 C alegria
 D restauração
 C' alegria
 B' encontra
 A' perdida
 1' Eu vos digo (dirigindo-se diretamente ao auditório)
 2' um
 3' noventa e nove

Nesta estrutura nota-se como Jesus direciona Seus pensamentos em forma de parábola para ilustrar uma verdade compreendida de forma mais lacônica e objetiva das preciosas verdades inseridas na mesma. Usando de forma retórica Jesus

⁴²BAILEY, Keneth E. As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 195-196

começa com uma pergunta: “Qual é o homem” (v. 4), levando o público ouvinte a se enquadrar dentro do contexto.

No verso 8 existe uma sequência das ilustrações abordadas por Jesus não desligadas uma da outra, pelo contrário, unidas de forma sequencial, como é notado abaixo:

8 “ou qual é a mulher?” [...].

Segundo o dicionário Amora Soares⁴³ o “ou” é uma conjunção que une palavras ou orações que exprimem ideias alternadas, indicando uma explicação. Não obstante, fica evidente como a segunda história está intimamente ligada à primeira, com uma sequência lógica, indicando uma explicação mais detalhada ou ampla do assunto abordado e que será ampliada ainda mais com a mensagem do filho pródigo. Assim, no verso 11 se chega ao ponto culminante da tríplice mensagem, o filho pródigo. Aqui se percebem alguns aspectos importantes para a compreensão da parábola.

O verso inicia com a palavra “continuou” e pertence à classe gramatical: do verbo de ligação, flexionado na 3ª pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo⁴⁴. Portanto, como verbo de ligação, cria uma ponte entre os elementos da narrativa. Daí a prerrogativa de que o texto registrado no verso 11 se reporta ao verso 8 mediante os termos “ou qual é a mulher?”, que também já está interligado com a “Ovelha perdida”. Isto sugere uma forma sequencial nesta longa parábola.

No verso 28 “ele se indignou e não queria entrar; saindo, porém, o pai, procurava conciliá-lo”⁴⁵. Assim como os escribas e fariseus em relação a Jesus (v. 2), a indignação do filho mais velho faz um contraste extremo com a alegria do pai e, segundo o original grego, se recusou a entrar mesmo depois dos apelos persistentes de seu pai.

O que evidencia como termina este discurso no capítulo 15, que acaba a seção justamente onde começou: na discussão dos escribas e fariseus contra a atitude de Jesus no v.1. A parábola termina curiosamente em uma “porta”, apelando a todos a entrarem na festa, e não ficarem murmurando por algo irrelevante. Jesus convida todos para festejar, pois o perdido foi achado, logo, agora ficaria nas mãos de cada ouvinte a decisão de entrar e festejar ou a de ficar de fora murmurando.

⁴³AMORA, Antônio Soares; ALVES, Afonso Telles (Org.). *Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa*. 18 ed. São Paulo - SP: Saraiva, 2008, p. 505.

⁴⁴Ibid p. 171.

⁴⁵Comentário Adventista do Sétimo Dia, 2013 p. 906

Considerações finais

Neste estudo, apontou três posições básicas sobre o número de parábolas que estão sendo contadas por Jesus no capítulo 15 de Lucas. Enquanto alguns acreditam que se trate de apenas uma parábola com facetas diferentes, outros pensam que são duas: a da ovelha e da dracma formando uma, enquanto a do filho pródigo formaria a outra. Há ainda os que acreditam se tratar de três parábolas: a da ovelha, a da dracma e uma terceira, a do filho pródigo.

Quando se observa o conteúdo de cada parábola, bem como seu significado à luz do contexto literário e cultural, pode-se concluir que as três histórias tratam do mesmo conteúdo e têm o mesmo propósito: responder à murmuração dos fariseus. Por outro lado, a terceira história toma um rumo diferente, uma vez que além de explicar porque Jesus comia com pecadores, faz uma crítica direta aos que o criticaram.

Por fim, ao se analisar o texto de cada história, percebe-se que as duas primeiras são extremamente semelhantes, enquanto a última é muito diferente. Além disso, há uma pausa na narrativa entre a segunda e a terceira histórias, o que leva a entender que as duas primeiras histórias formam apenas uma parte, enquanto a última serve provavelmente para concluir de forma mais grandiosa o discurso.

Referências

AMORA, Antônio Soares; ALVES, Afonso Telles (Org.). *Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa*. 18 ed. São Paulo - SP: Saraiva, 2008

BAILEY, Keneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo, Vida Nova, 1985.

BAILEY, Keneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo, Vida Nova, 1985, p. 194.

BAILEY, Keneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo, Vida Nova, 1985, p. 198-199.

BAILEY, Keneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo, Vida Nova, 1985, p. 250.

BAILEY, Keneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 195-196

BAILEY, Kenneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 211-212

BAILEY, Kenneth E. *As parábolas de Lucas; a poesia e o camponês: uma análise literária-cultural*. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 211-212

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. *Comentário do uso do antigo testamento no novo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014

BUCKLAND, M. A. *Dicionário bíblico universal*. Editora vida, 1981, p. 324

DERRETT, J. D. M. *Law in the New Testament: The Parable of the Prodigal Son*. London: Wipf & Stock Pub, 2005, p. 351

DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. 2. ed: São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008, p. 948.

FORBES, Greg. *Repentance and Conflict in the Parable of the Lost Son (Luke 15.11-32)*, in: *Journal of the Evangelical Theological Society*, n. 42, 1999

GREEN, Joel B. *The Gospel of Luke*, Eerdmans, 1997, ISBN 0802823157, p. 576.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo, Paulus, 1986, p. 20

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo, Paulus, 1986

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: Pesquisas de História Econômico-Social no Período Neotestamentário*. São Paulo, Paulinas, 1983

JEREMIAS, Joachin. *New Testament Theology*. New York: scribner, 1971,

LEVISSON, N. *The parable: the background and local setting*. Edinburgh. Clark, 1926, p. 156.

LOCKYER Herbert. *Todas as parábolas da bíblia*. Vida, 1999, p. 360. E-books evangélico. Disponível em: www.ebooksgospel.com.br/blog/> Acesso em: 14 mar 2018

LOCKYER Herbert. *Todas as parábolas da bíblia*. Vida, 1999, p. 361-362. E-books evangélico. Disponível em: www.ebooksgospel.com.br/blog/> Acesso em: 14 mar 2018

LONGENECKER, Richard N. *The Challenge of Jesus' Parables*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000, p. 201

Lucas 15. 4-7 SSN: 1980-9824 | Volume IV - Ano 2 | Novembro de 2

MANSO, T.W. *The Servant Messiah*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966, p. 73

MORRIS, Leon L. *O evangelho de Lucas: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1990

MOXNES, Halvor. *A economia do reino: conflito social e relações econômicas no evangelho de Lucas*. São Paulo, Paulus, 1995, p. 103

OESTERLEY, William O. E. *Rabbinic literature and gospel teaching*, London: Macmillan, 1930, p. 186

RICHARD, Pablo. *Evangelho de Lucas-Estrutura e chaves para a interpretação global do Evangelho*, in: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (Ribla)*, n. 44, 2003, p. 7-36

SA´ID, Ibrahim. *Sharh Bisharat Luqa (comentário ao evangelho de Lucas)* Beirut: Near East council of Churches, 1970, p. 211.

SMITH, Charles W. F. *The Jesus of The Parables*. Philadelphia: Westminster, 1948, p. 212

SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*. CPAD, 2014, p. 149

SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*. CPAD, 2014

SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*. CPAD, 2014, p. 149

SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*. CPAD, 2014, p. 149

THE NEW INTERPRETER'S BIBLE, v. IX-A Commentary in Twelve Volumes – Luke and John. Nashville, Abingdon Press, 1994, p. 294. In: SALGADO, Samuel de Freitas A inclusão da ovelha perdida - Exegese de

THE NEW *Interpreter's Bible*, v. IX-A Commentary in Twelve Volumes – Luke and John. Nashville, Abingdon Press, 1994, p. 296.